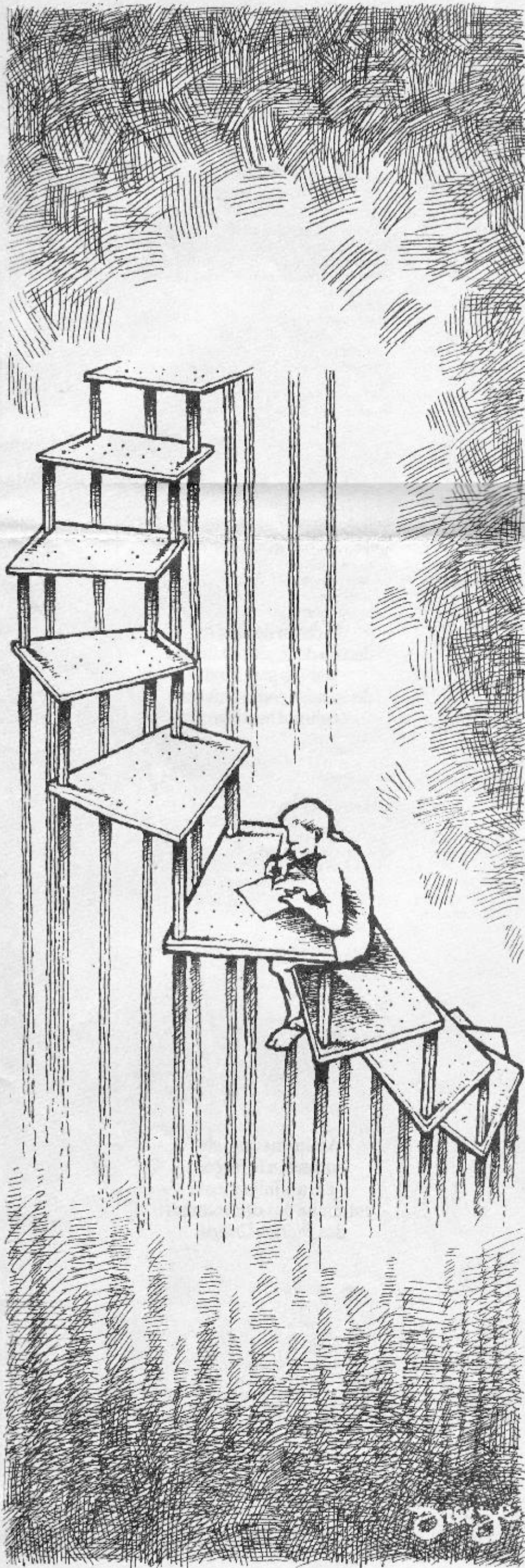


A poesia de Dante, do Inferno de sua vida ao Paraíso da fama póstuma

O autor florentino fez a literatura italiana nascer num ponto tão alto que talvez depois ela só tenha decaído

Por Renato Pompeu



O amor do grande poeta Dante Alighieri (1265 d.C.-1321 d.C.), de Florença, Itália, um dos mais importantes de toda a história, por sua musa, a jovem Beatriz — quando os dois se conheceram, tinham nove anos de idade — é um dos mais célebres de todos os tempos. Mas, na verdade, nem Dante se chamava Dante, nem Beatriz se chamava Beatriz. O nome de batismo do poeta era Durante, sendo Dante apenas um apelido familiar; o dela era Bice Portinari, que casou com Simone de Bardi e morreu em 1290, aos 25 anos. (Note-se que Portinari e Bardi são nomes importantes nas artes plásticas brasileiras, por causa do pintor Cândido Portinari e do curador Pietro Maria Bardi, mas não há registros de ligação em nenhum dos dois casos.)

Dante nasceu numa família da pequena nobreza urbana de Florença; seu tataravô havia lutado na Segunda Cruzada, mas depois a família decaiu e o pai do poeta, Alighiero di Bellincione di Alighiero, era agiota e negociante. Mesmo assim Dante teve educação de nobre, tendo se sagrado cavaleiro e lutado na batalha de Campaldino em 1289, aos 24 anos. Estudou gramática, filosofia e retórica e seu primeiro poema, aos 18 anos, já foi em honra de Beatriz.

O poeta se casou em 1285, aos 20 anos, com Gemma Donati, conforme arranjo en-

A família do poeta pertencia à nobreza de Florença. Atravessando um período de decadência, seu pai se tornou agiota

tre os pais de ambos em 1277. Dois anos após a morte de Bice, ele já estava, em 1292, escrevendo, em homenagem à sua memória, o livro *Vida Nova*, em que Beatriz aparece como a guia que leva não só Dante, mas todas as almas nobres, ao caminho rumo a Deus. Continuou a escrever versos, num tom aristocrático, e só mais tarde adotou como seu o "doce estilo novo", numa linguagem mais próxima do cotidiano. Ligou-se então a mulheres bem mais sensuais do que a espiritualizada Beatriz, ao mesmo tempo em que aprofundava seus estudos de filosofia. Teve dois (alguns dizem três) filhos e uma filha, Antonia, da qual se diz que se tornou freira com o nome de Madre Beatriz.

Na então república democratizante de Florença, os nobres eram proibidos de participar da vida pública, mas em 1295 o governo passou a admitir na política os nobres que se registrassem em alguma profissão. Dante, como filósofo, se inscreveu na categoria dos "médicos e especialistas". Chegou a membro do Conselho dos Cem, que governava Florença, e, como prior desse Conselho, teve em 1300 a incumbência de combater a influência do papado na cidade, apesar de ele mesmo então ser mais favorável ao papado do que ao poder imperial. Nessa função, banuiu de Florença vários políticos atuantes, entre eles seu anterior melhor amigo, o poeta Guido Cavalcanti (outro sobrenome importante no Brasil, já desde a Colônia), ao qual prestara uma homenagem especial no livro *Vida Nova*.

Mas em 1301, diante da iminência da invasão da cidade por tropas francesas, Dante foi a Roma pedir a ajuda de soldados papais e, por isso, por essa aliança com antigos inimigos, nunca mais voltou a Florença, onde em 1302 foi condenado, acusado até mesmo de corrupção, sucessivamente a uma multa, ao confinamento, à exclusão de cargos públicos e finalmente, ao exílio perpétuo e à morte se voltasse à terra natal. Ele atuou com outros exilados em tropas que pretendiam invadir Florença, mas depois se desgostou dessa "companhia malvada e palerma" e nunca mais pegou em armas.

Sua mulher nunca saiu de Florença. Dante, até se estabelecer em Ravena, onde morreu, vagou por várias cidades, sempre procurando trabalhar como assessor de príncipes ou famílias influentes, para assegurar seu sustento. Consta que concebeu a *Divina Comédia* em 1307; de qualquer modo a obra foi inteiramente escrita no exílio, até mesmo com o objetivo de, tendo produzido um grande trabalho, ser anistiado em Florença.

Nesse período chegou à conclusão de que os males da Itália se deviam basicamente à falta de um poder político único, pois o imperador estava por demais ocupado com

a Alemanha para poder se contrapor à influência do papado em terras italianas; ele queria assim que o imperador se preocupasse mais com a Itália. Em outras palavras, ao longo de sua vida, Dante passou de um moderado guelfo (partidário do papa) a um inflamado gibelino (partidário do imperador). Entusiasmou-se quando em 1310 o imperador Henrique VII invadiu a Itália, mas este morreu antes de ocupar Florença, onde a fama do poeta se tornou pior do que nunca.

Mesmo assim, a partir de 1315 Dante foi convidado várias vezes a voltar à sua cidade, mas não aceitou, porque julgou humilhantes as condições que lhe foram propostas para a concessão de anistia. Com isso, foi de novo condenado à morte e desta vez a sentença se estendeu a seus filhos, já maiores de 14 anos, então a idade de maioridade legal em Florença. Depois que o poeta morreu, seu filho Pietro, estabelecido em Verona, deu origem à família Alighieri-Serego, que ainda hoje existe.

Sua *Divina Comédia* é sem dúvida ao mesmo tempo obra inaugural e capital da literatura italiana. Há até mesmo críticos que defendem a tese de que a história da literatura italiana das origens aos nossos dias não passa da história de uma longa decadência, a partir do ponto altíssimo com que nasceu na pena de Dante. Essa obra é uma epopéia religiosa, onde o poeta conta como desceu ao Inferno, onde foi guiado pelo poeta latino Virgílio (já discutido na série), e depois passou pelo Purgatório e, finalmente, chegou ao Paraíso, onde se reencontrou com Beatriz.

Existe um consenso entre a maioria dos apreciadores da *Divina Comédia* de que os cantos dedicados ao Inferno são muito mais interessantes tanto na forma como no conteúdo, com descrições muito mais vivas dos personagens e com cenas muito mais movimentadas, do que os trechos dedicados ao Purgatório e particularmente do que os versos dedicados ao Paraíso — estes últimos seriam de um tom edificante que chegaria a ser árido.

De especial interesse hoje em dia são os Cantos 21 a 23 do Inferno, em que Dante relata o destino dos corruptos, no Oitavo Círculo do Inferno (do Primeiro ao último Círculo, os pecados e os castigos vão se agravando). No canto 22 (as citações serão numa precária tradução livre, muito longe de fazer justiça ao rigor estético do original), Dante e Virgílio, acompanhados de dez demônios, vêm os corruptos sendo ininterruptamente queimados numa fogueira de breu ou piche:

Nós andávamos com os dez demônios, oh, selvagem companhia! Mas, na Igreja com os santos e, na taverna, com os bebedores. Só ao breu estava presa a minha atenção,

O poeta foi membro do Conselho que governava Florença e teve a função de combater a influência do papado na cidade

*Para ver do fosso todo o conteúdo
É da gente que dentro dele estava quem
manda.
Como os golfinhos, quando fazem sinal
Aos marinheiros, arqueando suas costas,
Para que se preparem para salvar seu navio,
Assim de tempo e tempo, para aliviar a pena,
Mostrava algum dos pecadores seu dorso
Frorescendia de novo, em menos tempo do
que uma baleia.
E como à beira da água de um fosso
Ficam as rãs com apenas o focinho fora,
De modo que escondem os pés e o grosso
de seu corpo,
Assim estavam em toda parte os pecadores.
Mas quando se aproximava o diabo Barbariccia,
Logo se retraiam sob as bolbas da ferradura.
Eu vi, e ainda agora o meu coração se con-
frange.
Um a esperar assim, como acontece
Que uma rã fica parada e outra pula;
E o diabo Graffiaccane, que lhe estava
muito próximo,
O espetou pelos cabelos cheios de piche
E o espetado me parecendo uma
lontra,*

*Eu sabia já de todos os diabos eles o nome,
Tendo os notado quando foram escolhidos
(para acompanhar Dante e Virgílio)
E observado quando se chamavam entre
si.*

*"O demônio Rubicante, faça que você lhe
meta
as garras em cima e o esfrole",
gritavam todos juntos os malditos.
E eu: "Mestre meu, faça, se você pode,
Que você saiba quem é o desgraçado
Caindo nas mãos dos inimigos seus."
O guia meu se lhe acostou ao lado,
Perguntando-lhe de onde era, e aquele
respondeu:*

*"Eu fui no Reino de Navarra nascido.
Minha mãe como um servidor de um sen-
hor me pôs,
Aqui me havia gerado de um grosseirão
Destruidor de si e das suas coisas.
Depois fui fãtulo do bom rei Tebaldo,
Então me pus a fazer corrupção,
Da qual dou razão neste fogo."
E o diabo Chialto, do qual da boca saía
De todo lado uma presa como de javali,
Ofez sentir como uma delas rasgava
Entre meus gatos tinha vindo o rato,
Mas o diabo Barbariccia o cercou com os
braços
E disse: "Fique aí, enquanto eu o enfor-
co."*

*E para o mestre meu virou o rosto:
Perguntei, disse, se mais você quer
saber dele, antes que outro o estraguele."
O guia então: "Ora, diga, dos outros aqui,
Você conhece algum que seja latino (ita-
liano)?"*

*Sob o piche" E aquele: "Eu me afastei
Há pouco de um que foi habitante de lá.
Oxalá eu estivesse ainda com ele coberto,
Pois não lemeria garra nem espeto."
E o diabo Libicocco: "Mais não podemos
suportar".*

*E ficou-lhe o braço com um arfão,
De modo que, rasgando, lhe tirou um
misco.
E o diabo Draghignazzo também o quis
espetar*

*Pelas pernas, ao que o chefe dos demônios
Girou em torno deles todos com um feio
olhar.
Quando eles estavam um pouco aquietados,*

*A ele, que ainda olhava seu ferimento,
Perguntei o guia meu sem demora:
"Quem era aquele, de quem você fez uma
má partida
que você diz que fez para cegar à
praia?"
E ele respondeu: "Foi o Frei Gomita (um vi-
gário).
Aquele da Paróquia de Galluro, vaso de*

A Divina Comédia foi escrita no exílio, também com o objetivo de, sendo uma grande obra, anistiá-lo seu autor em Florença

*toda fraude,
Que teve os inimigos de seu dono em mãos:
E fez assim a eles de modo que todos o lou-
rassem.*

*Dinheiro lhes tirou e, em outros cargos
ainda,
Corrupto foi não pequeno, mas soberano."*

Assim, o destino dos corruptos, para Dante, era ficarem no Inferno num fosso de breu em chamas, sofrendo eternamente a imensa dor das queimaduras e ainda sendo fustigados e espetados por tridentes e arpões dos demônios que infundavelmente rasgavam suas carnes. Um destino bastante diferente dos políticos corruptos de hoje, que no máximo na maioria dos países apenas perdem os direitos eleitorais e, nas nações mais rigorosas, sofrem seqüestros de bens, mas, na verdade, continuam com grandes fortunas.

Não há dúvida, no entanto, de que, a par de grande arte e de intenso misticismo, Dante também inseriu no Inferno da *Divina Comédia* muitos de seus inimigos políticos já falecidos, como o frade acima citado. Na verdade, ele pôs no Inferno até mesmo um adversário ainda vivo, notando com grande escândalo que há pessoas tão malvadas que, mesmo estando vivas, sua alma já está no Inferno.

No Paraíso, ele se encontra com Beatriz, que se confunde com a Beleza, a Verdade e a Bondade:

*Eu me voltei do meu direito lado,
para ver em Beatriz o meu deus,
ou por palavra ou por ato assinalado,
e vi as luzes de seu olhar tão claras,
tão alegres, que a sua aparência
superava todas as aparências que ela tive
na, mesmo a última.*

*E como, para sentir mais deleite,
Bem agindo, o homem dia a dia
Percebe que sua virtude avança,
Assim me dei conta que o meu girar em
torno*

*Com o céu junto havia aumentado o seu
arco,*

*Vendo eu aquele milagre mais adornado,
Ficou claro assim que, para Dante, o Paraíso
era um templo de amores espiritualizados,
enquanto os islâmicos, em seu Paraíso,
podem contar com o amor sensual de suas
lutris. (No próximo sábado, apreciações sobre
a poesia do iraniano Hafiz.)*

Renato Pompeu é jornalista e escritor, autor de obras em hipertexto na Internet (<http://www.pompeu.com>) e, entre outros, dos livros *Impressões Globalização e Justiça Social*, ensaio econômico; 2084 - *O Admirável Mundo NaClberal* (dos Mulheres, ficção erótica, e *Um Dia no Mundo*, romance "globalizado" que se passa em todos os países do mundo. Pode ser localizado no endereço eletrônico rpompeu@pompeu.com ou pelo telefone 011-814.8653